



SHABBAT: MEMÓRIA DA FESTA DA CRIAÇÃO. FESTA QUE CANTA, REFLETE E DANÇA COM O CRIADOR E COM AS CRIATURAS

(Shabbat: Memory of the Feast of Creation.

Feast that sings, reflects and dances with the Creator and with the creatures)

Paulo Antônio Alves

Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Docente do Centro Cristão de Estudos Judaicos (CCEJ)

E-mail: Marivan Ramos: marivanramos26@gmail.com

RESUMO:

O Decálogo ou 10 Palavras é um texto da Torá de Moisés que apresenta duas versões do mesmo mandamento sabático. Uma no livro do Êxodo 20,8-11 e outra no Deuteronômio 5,12-15. A primeira inicia o mandamento com o verbo: fazer memória (lembrar) e a segunda, com o verbo: guardar. Na primeira versão, o mandamento está ligado à memória da Criação, enquanto a segunda faz memória da Libertação. Este artigo se propõe tratar, de modo abrangente, da primeira versão do mandamento do sétimo dia. Nele a palavra *shabbat* aparece no feminino como elemento de fecundidade ligado ao conceito teológica da Criação. A *shabbat* é convite a cessar e descansar para contemplar o Criador com a família e as criaturas. É mandamento-palavra cuja vivência resulta em bênção, santidade, encontro e dança. É mandamento-palavra-ensinamento que instrui o ser humano para tomar consciência de sua responsabilidade de ser criado para cuidar do (a) próximo (a) e do mundo: nossa Casa Comum até o fim da história onde toda a Criação tende para a *Shabbat* eterna na qual o Deus Criador / Libertador / Rabbi / Gracioso será “tudo em todos” (1Cor 15,28) no Espírito por meio de seu Filho: o Senhor da *Shabbat* (Mc 3,28) e tempo no qual “todo Israel será salvo” (Rm 11,26).

Palavras-chave: *Shabbat*, Criação, Santidade, Bênção; Memória; Festa.

ABSTRACT:

The Decalogue or 10 Words is a text from the Torah of Moses that presents two versions of the same Sabbath commandment. One in the book of Exodus 20: 8-11 and another in Deuteronomy 5: 12-15. The first begins the commandment with the verb: make memory (remember) and the second, with the verb: save. In the first version, the commandment is connected to the memory of the Creation, while the second makes memory of the Liberation. This article sets out to deal comprehensively with the first version of the seventh-day commandment. In it the word *shabbat* appears in the feminine as an element of fecundity linked to the theological concept of Creation. The *shabbat* is an invitation to cease and rest to behold the Creator with family and creatures. It is a commandment-word whose experience results in blessing, sanctity, encounter and dance. It is a commandment-word-teaching that instructs the human being to become aware of his responsibility to be created to care for the neighbor and the world: our Common House to the end of history where all Creation tends to *Shabbat* Eternal in which the Creator / Liberator / Rabbi / Gracious God will be "all in all" (1Cor 15,28) in the Spirit through his Son: the Lord of the *Shabbat* (Mk 3,28) and time in which "all Israel shall be Saved" (Rom 11,26)

Keywords: the *Shabbat*, Creation, Holiness, Blessing; Memory; Celebration.



“Disse Deus a Moisés: ‘Moisés, possuo em meus tesouros um dom precioso, que se chama *shabbat* e quero presenteá-lo a meu Israel” (T.B. *Beitsah* 16a).

“O judaísmo festeja as festas da sua história da salvação, mas, sobretudo, o sábado da criação. Na crise ecológica do mundo moderno é mister e urgente que o cristianismo reflita sobre o *sábado da criação*” (MOLTMANN, 1992, p. 419).

“O sábado é a ‘festa da criação’ (F. Rosenzweig). Por causa desta festa do eterno Deus, foi criado os céus e a terra e tudo o que neles existe e vive. Por isso, na história da criação, sucede-se a cada dia uma noite; o sábado de Deus, contudo, não conhece noite alguma; ele se torna uma ‘festa sem fim’” (MOLTMANN, 1992, p. 396).

INTRODUÇÃO

Um dos elementos que chama a atenção do ouvinte-leitor-intérprete e agente de transformação da sociedade e -, como tal construtor e construtora do Reino dos Céus anunciado pelo judeu de seu tempo e também da eternidade: Jesus Cristo, Filho do judeu Davi e Filho de Deus,- é, sem dúvida, a constatação aurículo-visual de que o Decálogo possui duas versões: Ex 20,2-17 e Dt 5,6-21. Esse dom da Revelação divina nos convida a contemplar a *multiplicidade* sem perder o eixo central que é sua *unidade*: unidade na diversidade e diversidade na unidade. E depois, quando começa a estudar esse conjunto de leis apodíticas, constata que o autor/redator ou autores/redatores pensaram na forma de transmitir escrevendo os 10 mandamentos, utilizando-se de um recurso literário chamado: estrutura kiástica ou concêntrica, cujo fito é apontar onde se localiza o centro do texto. É graças esse recurso que sabemos que no centro do Decálogo está o mandamento do sétimo dia e o próprio mandamento do sétimo possui um centro que pode ser visto, estudado de no mínimo três formas possíveis; escolhemos aqui apenas uma.

Este artigo apoia-se em um capital ensinamento do Concílio Vaticano II (1962-1965),- em sua Declaração *Nostra Aetate* (n.4), a busca amorosa do “grande patrimônio espiritual comum aos cristãos e aos judeus”¹. Por isso, vai abordar, desse “**patrimônio comum**” o mandamento do sétimo dia. Primeiro: atendo-nos à primeira versão de Ex 20,8-11, cujo motivação do mandamento está na **Criação**. Segundo, a partir de uma terceira proposta de estrutura concêntrica do mandamento do sétimo dia: *Shabbat*.

Nossa metodologia está calcada, sobremaneira, na sincronicidade do texto, como ele se apresenta a nós na sua textualidade atual; em uma pequena parcela da enormidade de reflexões teológicas da Tradição dos Sábios de Israel e da Tradição dos Sábios da Igreja.

O sétimo dia ou a *Shabbat*² é um dos três principais elementos teológicos que identificam Israel³. Neste artigo, como dissemos acima, ater-nos-emos, e de modo resumido, a uma

¹ *Nostra Aetate* 4, &

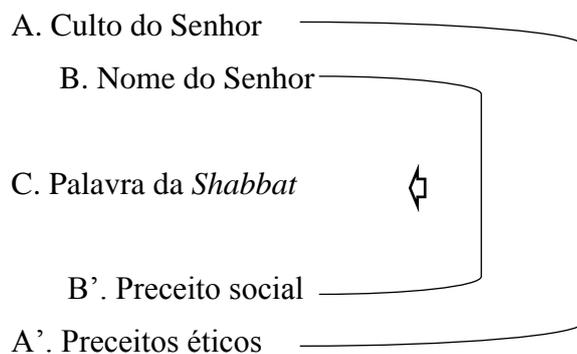
² Optamos em manter o gênero feminino da palavra na proposta de tradução e transliteração do original do hebraico bíblico, da Torá Escrita. A Tradição Oral de Israel vai utilizar o termo tanto no masculino como no feminino. As traduções em geral colocam o substantivo *shabbat* no masculino: o sábado.



interpretação de Ex 20,8-11: o mandamento ou palavra⁴ da *Shabbat* como Memória da festa da Criação, como festa/encontro feliz que louva, reflete e faz ciranda/quadrilha, ou seja, gera dança do e para e com o Criador e das e pelas e com as criaturas. Iremos abordar o Decálogo de Dt 5,6-21 em outro artigo, mas, desde já, apontamos que na única e mesma Revelação, encontramos um convite a olhar a Escritura de um modo múltiplo: Teologia da Criação (Ex 20,11) e Teologia da Libertação (Dt 5,15) no olhar e no coração nas mãos e nos pés do ato de fazer Memória.

1. UMA PROPOSTA DE ESTRUTURA KIÁSTICA DA PALAVRA DA *SHABBAT*

O Decálogo, segundo a estrutura concêntrica, tem seu centro na palavra da *Shabbat*, como segue abaixo:



E a palavra-mandamento da *Shabbat*, por sua vez, também tem seu centro consoante o mesmo recurso literário e sempre apontando como núcleo central o sétimo dia da Criação: dois conceitos centrais: *Shabbat* e Criação, vinculados teologicamente pela *lei* ou *torá* ou ensinamento revelado que nas 10 Palavras de Ex 20,2-17 se ligam ainda necessariamente a outro conceito fundamental na teologia judaico-cristã: a Salvação⁵.

Eis a estrutura kiástica como segue:

A: v. 8ab *Lembra-te do DIA DA SHABBAT, para santificá-lo.*

B: v. 9ab *SEIS DIAS, servirás e farás todo o teu trabalho, v. 10a mas O SÉTIMO DIA: SHABBAT para o YHWH, teu Deus!*

C: v. 10bcd *Não farás nenhum trabalho – tu, teu filho, tua filha, teu servo, tua criada, teu gado maior e teu imigrante, o qual está entre teus portões.*

³ A Circuncisão, a *Shabbat* e o Estudo ou Talmud Torá.

⁴ Assim como temos duas versões do Decálogo ou 10 Palavras, vamos manter as duas formas de se referir às leis decalógicas: Mandamento (tradição cristã) e Palavra (tradição judaica).

⁵ As 10 Palavras de Ex 20,2-17 fundam a lei na Teologia do ato libertador de Deus (v. 2) e na Teologia do ato criador de Deus (v. 11). A Escritura nos mostra, assim, que os v. 2 e v. 11 resumem duas linhas teológicas principais veiculadas pelo livro do Gênesis e Êxodo, mostrando como essas narrações fornecessem às leis a sua motivação e a sua fundamentação teológica.



B': v. 11abc *Porque, durante SEIS DIAS, o YHWH fez os céus, a terra e o mar, e tudo o que há neles. NO SÉTIMO DIA, porém, cessou e repousou.*

A': v. 11de *Eis porque, o YHWH abençoou o dia da Shabbat e o santificou.*

A proposta acima apresenta uma alternância entre as palavras que estão relacionadas a Deus com aquelas que se encontram relacionadas com o ser humano. O miolo dessa estrutura é o v. 10bcd, que destaca o ser humano sem distinções, inclui os animais e a terra, ou seja: toda a natureza.

Essa estrutura concêntrica coloca em paralelo a atividade humana: A/B e atividade divina: A'/B'. Emerge um princípio teológico-religioso: o ser humano é vocacionado a agir como Deus age: trabalhar e cessar/repousar. Essa estrutura aponta para uma dinâmica vertical de *imitatio Dei*, ou seja, santificando o dia da *Shabbat*, o ser humano vai em busca da realização daquilo para o qual foi criado: ser imagem de Deus e agir segundo tal imagem, ou seja, ser semelhança de Deus.

Os marcos mais internos e próximos do centro: B/B' se correspondem nos temas dos seis dias e do sétimo dia nos v. 9ab-10a/11abc. No centro dessa proposta de estrutura, está o v. 10b que anuncia um prolongamento do mandamento da *Shabbat* a todo o povo, aos animais e ao imigrante. Esse cerne chama a atenção para o *motus* horizontal de onde brota uma atitude ética. Essa apresentação coloca o (a) ouvinte-leitor(a)-intérprete e agente de transformação no coração do Decálogo em suas duas diretrizes: vertical e horizontal. Eis o que diz Garcia Lopez:

Desse modo, portanto, inculca-se uma atitude religiosa e um comportamento ético, situando YHWH no começo; o próximo no fim e no meio (20,7-12), os dois: YHWH e o próximo em uma espécie de unidade indivisível. Tal é a força do decálogo, visto em seu conjunto como unidade. Onde o "eu" de YHWH não deve estar separado do "tu" do próximo, pois ambos constituem o ponto de referência fundamental das obrigações do israelita a quem o decálogo se dirige."⁶

Portanto, de um lado, o Nome (v. 7), que na Torá de Moisés, significa a própria pessoa, e aqui, no caso: o Senhor, o Criador sem início que sai de si e, de outro lado, a família- o servo e a serva e o estrangeiro, que são imagem e semelhança (v. 10b. 12), uma espécie distinta da Criação e as demais criaturas: animais e terra, um outro tipo de criatura, todavia ambos fruto do agir divino que tem um início e continuidade na história. Essas duas diretrizes: vertical e horizontal, que encontram seu "nó" de ligação no Mandamento ou Palavra ou Ensino da *Shabbat*, revelam que "no pensamento bíblico, tanto ao sábado como ao Nome de Deus, se une a ideia de 'santificar' e 'profanar'"⁷, sendo que a família é o primeiro lugar onde se revela a imagem de Deus no agir ético e cültico.

⁶ F. G. LOPEZ, Le Décalogue, p. 22.

⁷ F. G. LOPEZ, Le Décalogue, p. 23.



2. SHABBAT, ESPAÇO E TEMPO

Assim como o Templo delimita um espaço, o Mandamento/Palavra/Instrução da *Shabbat* delimita um tempo e o consagra a Deus. A sua motivação é estritamente teológica: a Memória da festa Criação.

A Palavra da *Shabbat* é formulado de modo positivo, não impõe práticas culturais e está no centro do Decálogo. Ela afirma que Deus, o Criador descansou no sétimo dia e, portanto, o ser humano deve imitá-lo, cessando e descansando também.

A instituição da *Shabbat* não responde unicamente um dever de memória, mas, como momento espiritual de *imitatio Dei*, o ser humano aprende de Deus a renunciar ao tudo querer fazer e a celebrar, a fazer festa. A narração bíblica da Criação, à maneira da mitologia greco-latina, se abre anunciando uma idade de ouro. No entanto, nem na mitologia grega e nem no pensamento grego, é possível encontrar algo equivalente à instituição da *Shabbat*. A idade de ouro permanece uma nostalgia na mitologia grega, enquanto que o tempo-“não tempo”: *Shabbat* a cada sete dias celebra e atualiza a obra da Criação, ou seja: o ser humano: homem e mulher, co-criadores fazem memória, fazem encontro para meditar, rezar, estudar e celebrar a Deus o Criador. Nesse sentido, quando o espaço é separado e nele o Criador faz brotar um “tempo novo”, porque diferente e portador ou veículo no tempo de eternidade, o ser humano pessoal e comunitariamente celebra o dom do movimento, que gera oração, instiga à reflexão, à busca amorosa e faz brotar no solo da história também o convite à dança, à festa.

3. Ex 20,8-11 e Gn 1,1-2,4a

O parar e descansar na *Shabbat* é uma participação na atitude de parar e descansar do Criador. A motivação de Ex 20, 11 - de Ex 20,8-11: mandamento da *Shabbat* - reenvia o (a) escutador(a)/leitor(a), intérprete e agente de transformação a Gn 1,1- 2,4a.

3.1. Gn 2,1-3: CONTEÚDO LEXICAL DA TRADIÇÃO SACERDOTAL

O conteúdo de Ex 20,11,- onde se encontra a motivação da palavra da *Shabbat* -, estabelece uma ligação entre o ensinamento da *Shabbat* de Ex 20,8-11 e a conclusão do primeiro relato da Criação de Gn 1,1-2,3. Isso é possível observar no conteúdo lexical que aparece sublinhado no texto de Gn 2,1-3:

Assim foram concluídos os céus e a terra, com todo o seu exército. Deus concluiu no sétimo dia a obra que fizera e no sétimo dia descansou (שָׁבַט), depois de toda a obra que fizera. Deus abençoou o sétimo dia e o santificou, pois nele descansou depois de toda obra de criação.

Esse texto mostra que o vocabulário utilizado para formar a estrutura concêntrica de Ex 20,8-11 é característica da teologia sacerdotal: a insistência sobre o *status* específico do sétimo dia e a noção de santidade. E Ex 20,10-11, ao identificar o dia da *Shabbat* com o *sétimo dia* faz o (a) ouvinte-leitor(a)-intérprete ir ao encontro do *sétimo dia* da Criação de Gn 2,1-3.



O mandamento da *Shabbat* de Ex 20,8-11 faz com que o (a) ouvinte-leitor(a)-intérprete e agente de transformação interna e externa, que conhece a Torá de Moisés, faça uma ligação com o sétimo dia da Criação de Gn 2,1-4a.

Deus, após ter criado os céus, a terra, o mar e tudo que eles contêm, no sétimo dia, cessa e assim descansa de sua obra criadora. O “fazer” criador de Deus (v. 11a) e o “fazer” da criatura humana (v. 9b) são colocados em paralelo na estrutura concêntrica do mandamento de Ex 20,8-11. De fato, as mesmas palavras que designam a obra de Deus na primeira narração da Criação (cf. Gn 1,1-2,1-4a) são as mesmas palavras apresentadas para a obra do ser humano no Decálogo. Nele o sétimo dia aparece como um mandamento negativo, um dia no qual o trabalho não é permitido (v. 10b), pois é dia de: *menurrá*⁸ (מְנוּרָא), palavra que indicava o *cessar* que resulta no *repousar*. Contudo, antes dessa ordem de cunho negativo, o texto diz claramente que tal dia sem trabalho é: *Shabbat para o Senhor, teu Deus!* (v. 10a), frisando com essa afirmação que o *cessar*, do qual derivou o *repouso divino*, é prerrogativa, antes de tudo, do Criador e só depois da criatura humana que nele se espelha. Assim, por meio da expressão: *Não farás nenhum trabalho*, o texto de Ex 20,8-11 evoca o momento do cessar de Deus no sétimo dia da Criação (cf. Gn 2,3), o qual é abençoado: cheio de vida, por isso mesmo, dia fecundo e santificado: separado-distinto-consagrado na mesma dimensão teológica da Tradição sacerdotal de Ex 20,8-11.

3.2. Gn 1,1-2,1-4a.: ÁPICE DA CRIAÇÃO E Ex 20,11

O conteúdo de Ex 20,11, que está em paralelo com Ex 20,4, estabelece uma ligação intencional ou deliberada entre o Decálogo de Ex 20 e a narração sacerdotal das origens de Gn 1,1-2,1-4a. Desse modo, consoante Ex 20, o mandamento-lei da *Shabbat* foi embasado, fundamentado pela teologia sacerdotal da Criação.

O sétimo dia é revelado como o ápice da primeira narração da Criação (cf. Gn 1,1-2,1-4a), sendo um dia de cessar as atividades do dia-a-dia, chegando assim ao descanso. Como diz Moltmann: “Não é possível entender corretamente a criação sem perceber o sábado” (MOLTMANN, 1992, p. 395).

Para o dia da *Shabbat*, tudo converge: o tempo dos seis dias que se torna tempo “não tempo” no sétimo dia semana criada.

O redator-narrador trabalhou de modo acurado na construção de Gn 1,1-2,1-4a⁹. Ela é cheia de repetições e, no dizer de P. Beauchamp: “sua repetição constitui, ao que parece, a essência da construção literária”¹⁰ e, como tal, é reveladora de um grande conteúdo teológico no centro do qual está o sétimo dia. Vejamos uma repetição que faz ressaltar o número sete em Gn 1,31-2,3, que nos faz lembrar que a Criação foi uma obra concluída, o que significa dizer que: Deus cessou e descansou. Ei-la:

⁸ Vamos transliterar a 8ª consoante do alfabeto hebraico utilizando-nos de dois rr:RRet.

⁹ Os exegetas atualmente datam esse texto no século VI a.C. e localizam-no na Babilônia no período do exílio. Dizem ser obra de redatores da escola sacerdotal. Ele é um texto que se aproxima muito da narração do mito babilônico *Enuma Elish*.

¹⁰ P. BEAUCHAMP, *Création et separation*, p. 42.



Viu Elohim tudo quanto *fizera* (1), e eis que era muito bom. Houve uma tarde e uma manhã, o sexto dia. Assim, pois, foram *acabados* (2) os céus e a terra e todo o seu exército. E, havendo Elohim *terminado* (3) no sétimo dia a sua obra, que *fizera* (4), descansou nesse dia de toda a sua obra que *tinha feito* (5). E abençoou Elohim o sétimo dia e o santificou; porque nele descansou de toda a obra (6) que, como Criador, *fizera* (7) (Gn 1,31-2,3).

Em Gn 2,1, a obra da Criação é como que recapitulada pelos termos: céus, terra e todo seu exército. E Gn 2,4a está construído de modo simétrico com Gn 1,1 nos termos: céus, terra e criar; tendo, ao longo da Criação, o verbo “fazer” o qual aparece em Ex 20,11 ligado ao termos: céus e terra; e, em Dt 5, 15, o verbo “fazer” está ligado à *Shabbat* como sinônimo de “guardar”¹¹. Em Gn 2,1-4a, são apresentados quatro verbos que caracterizam, de modo específico, o sétimo dia: concluir, cessar-descansar, abençoar e santificar. Dois deles são repetidos duas vezes: *kalah* (כָּלָה): concluir e *shavat* (שָׁבַת): cessar, parar. Os outros dois verbos são: *abençoar*, que está no grupo verbal piel de *bararr*¹² (בָּרַר), estando os quatro verbos acoplados ao *waw* conversivo, o que não ocorre em Ex 20,11, onde o verbo *abençoar* está no tempo passado sem o *waw* conversivo; e o verbo: *santificar*, que está também no grupo verbal piel de *qadash* (קָדַשׁ): santificar, consagrar.

O ser humano: homem e mulher são chamados a “fazer memória” da *Shabbat* e a santificá-“lo”: esse pronome se refere, em primeiro lugar, a Deus (v. 8.11) e depois ao dia que é sétimo e acolhe o ser humano. Por meio dos atos próprios da *Shabbat*, todos são beneficiados, não somente o dono ou senhor da casa, mas todos aqueles que estão sob o seu domínio; por isso, todos têm direito ao descanso que “puxa a memória”¹³ dos tempos dos seus antepassados. Dessa forma, o sétimo dia é bênção para o ser-humano e todo ser vivo (v. 10c) que durante seis dias está sob a servidão do trabalho contínuo e, por isso, a bênção e a santificação da *Shabbat* são sinônimos de libertação.

A teologia da *Shabbat* da Torá de Moisés é um chamado, em forma de instrução/lei, ao ser humano a imitar Deus. Eis o que diz Paul Beauchamp: “Deus é o primeiro a observar o sábado para que assim o ser humano o observe por sua vez, tendo seu modelo em Deus, do qual o ser humano é sua imagem”¹⁴.

3.3. SHABBAT E A NOÇÃO DE SANTIDADE

Em Ex 20,8-11, em seu v. 10b, o que se coloca em valor é justamente a ligação do parar/repousar com sétimo dia: a *Shabbat*. Além disso, constata-se que o vocabulário utilizado para a construção do quiasmo de Ex 20,8-11 está fundamentado na teologia da escola sacerdotal: insistência no *status* específico do sétimo dia e a noção de santificação.

Gn 1,1-2,1-4a tem como tema central um conceito caro à teologia da escola sacerdotal: o separar. Essa narração é marcada pelos atos de separação de Deus: atos que separam os

¹¹ Veremos isso, com mais detalhes, em um outro artigo que tratara justamente do Mandamento/Palavra/Torá/Mitsvá da *Shabbat* em Dt 5,12-15: festa da Memória da Libertação.

¹² Vamos transliterar a 11ª consoante do alfabeto hebraico, sem o daguêsh, com três rrr: RRRAF.

¹³ Cf. M. SCHWANTES, *Projetos de Esperança*, p. 29.

¹⁴ P. BEAUCHAMP. *Testament biblique*. Paris, Bayard, 2001, p. 27.



elementos, as espécies entre elas e o “tempo-não” do sétimo dia. Ex 20,8-11 reenvia o (a) ouvinte-leitor (a)-intérprete para esse tema central: separar. Mas o termo: *separar*, não aparece; no entanto, ele é desvelado pelo verbo: santificar (v. 3), pois a primeira noção da raiz de santificar é: *separar*. E, no sétimo dia, a separação é de ordem temporal para algo além do temporal ou separado do *tempus*. E o que se percebe, portanto, é que a expressão: *o sétimo dia* é o elemento ritmador do conjunto do texto de Gn 2,1-4a, onde essa expressão é triplamente repetida (v. 2-3), sendo que é acoplado, por duas vezes, à expressão: *a obra que fizera*. E a dupla: *céus e terra*, que aparece em Gn 2,4a, faz uma inclusão, cuja finalidade é apontar para o começo da narração (cf. Gn 1,1), formando assim um inclusão geral, que engloba uma inclusão particular (cf. Gn 2,1.4a).

A *Shabbat* é um dia posto à parte pelo Senhor porque ele é santo e aquele que o santifica participa da santidade de Deus. Pois a finalidade do terceiro mandamento ou quarta palavra é a santificação do Tetragrama: Deus e a santificação da comunidade.

O parar todo o trabalho (cf. Ex 20,10b) é a face negativa de um ato positivo de consagração/ato de separar da parte do ser humano, que se espelha na ação divina primordial de separar o sétimo dia.

Ex 20,11, o verbo *abençoar* está no tempo passado sem o *waw* conversivo; e o verbo: *santificar* está também no grupo verbal piel de *qadash* (קִדַּשׁ): santificar, consagrar. A raiz deste verbo exprime, antes de tudo, o ato de separar e depois é raiz da ação de santificar, por isso o que é santo, é separado¹⁵. Assim, o sétimo dia é um tempo posto à parte, que possibilita o ser humano estar na Presença de Deus e justamente por isso ele é um tempo não tempo. Esse “tempo” é algo que não se compara ao tempo do corriqueiro dos 6 dias da semana, o sétimo dia é entrada numa atmosfera/estado outro que os 6 dias anteriores. É como se o ser humano estivesse fora do tempo que rege os outros seis dias. Em Ex 20,11, o verbo *santificar* é construído com o tempo futuro mais o *waw* conversivo e o pronome acoplado à raiz; em Gn 2,3, o pronome não está acoplado à raiz. Os verbos *abençoar* e *santificar*, em Gn 2,3, não aparecem repetidos no texto como acontece com outros termos. O verbo *santificar* aparece pela primeira vez, não aplicado a coisas, como era costume em outras culturas, mas ao tempo e vai ser este tempo o *locus* onde se dará a conclusão da série de elementos criados em sete dias. Assim, Gn 2,3 contém quatro afirmações relativas ao sétimo dia e em cada repetição o redator-narrador acrescenta um elemento novo até encontrar sua conclusão no v. 3a: *Deus abençoou o sétimo dia e o santificou*.

Israel é vocacionado a santificar o Senhor por meio da lembrança da *Shabbat*. Dessa observação, o Talmud diz que o verbo *santificar* (שִׁבְעָה) do v. 8b significa: consagrar uma mulher, desposar¹⁶ e que o verbo *lembrar-se* (זָכַר) do v. 8a, que está ligado a *santificá-lo* (לְקַדְּשׁוֹ), é indicação de que a *Shabbat* é uma noiva para Israel¹⁷. Nesse aspecto, existe entre o ser humano e o tempo uma espécie de aliança e, portanto, um casamento, onde a *Shabbat* é a esposa e o povo, o esposo.

¹⁵ Cf. D. DE LA MAISONNEUVE, L'Hébreu biblique par les textes, p. 57.

¹⁶ Cf. A. J. HESCHEL, O Schabbat: seu significado para o homem moderno, p. 76.

¹⁷ Cf. P. H. PELI, The Jewish Sabbath: a Renewed Encounter, p. 53.



Como escreveu Heschel¹⁸: “No sábado é dado compartilhar a santidade que está no coração do tempo”. E ainda Heschel: “Uma das mais notáveis palavras na Bíblia é *cadosch*, santo; uma palavra que, mais do que qualquer outra, é representativa do mistério e majestade do divino” (HESCHEL, 2004, p. 19).

3.4. SHABBAT E BÊNÇÃO

Tal como os seres vivos, o sétimo dia é abençoado por Deus e disso decorre a certeza de que os benefícios divinos são dons inerentes ao sétimo dia, que é ele também um dom. E Deus, ao abençoar *o sétimo dia*, fez dele uma fonte de bênçãos: vida e fecundidade que são santos num tempo santo.

Em Ex 20,11, do mesmo modo, que em Gn 1,22.28, a bênção de Deus se mostra fecunda, na palavra da *Shabbat*, que é dia santo. A bênção divina enriquece o cessar- repousar da *Shabbat* com uma força vital fecunda e fecundadora. Dessa sorte, deduz-se que *abençoar* é sinônimo de *santificar*, mas também, o dia do cessar-descansar é um dia de bênçãos divinas e fonte de vida para todos aqueles e aquelas que o guardam¹⁹. A bênção, que tem sua origem no Criador é, portanto, algo concreto que faz florescer e multiplicar.

Assim, a vida humana dever ter a Deus por modelo de seu agir e de seu cessar-repousar. O ser humano é chamado a imitar o seu Criador do qual ele é imagem e semelhança (cf. Gn 1,26-27). Ele faz parte do projeto de Deus, que é seu Pai²⁰ e realiza sua vocação de filho e filha à medida que vive sua condição de semelhança²¹ divina.

O v. 11 faz menção do ato criador de Deus e o v. 9b coloca o agir humano em relação ao agir divino. Desse modo, o agir humano é apresentado como uma participação na obra criadora de Deus. Assim como o ser humano colabora na Criação de Deus, ele também é chamado a participar do ato de cessar-repousar divinos no sétimo dia: na *Shabbat* fecunda (v. 11c; 11b). Isso revela que o ser humano participa do poder criador de Deus, não de igual modo, mas como co-criador e para isso é mister que ele observe o que Deus lhe propôs, ou seja: a vivência dos fundamentos que sustentam a relação de Aliança: os mandamentos da Torá, que têm como centro as 10 palavras cujo coração é o mandamento/palavra/instrução da *Shabbat*.

3.5. SHABBAT E LITURGIA CÓSMICA DA CRIAÇÃO COMO MEMÓRIA DA ALIANÇA DO SINAI COM ISRAEL E AS NAÇÕES

A estruturação da Criação se baseia no falar de Deus e na percepção da passagem do tempo vinculado à liturgia da Aliança, assim a narração da Criação é uma declaração normativa para a vida de Israel²², a qual encontra sua razão de ser no mandamento da *Shabbat* ou no culto

¹⁸ A. J. HESCHEL, O Schabbat: seu significado para o homem moderno, p. 25.

¹⁹ Cf. F. DATTLER, Gênesis, p. 37.

²⁰ Cf. R. MEYNET, Une nouvelle introduction aux évangiles synoptiques, p. 85.

²¹ Cf. R. MEYNET, Une nouvelle introduction aux évangiles synoptiques, p. 84.

²² Cf. H. CROSS, Exegese teológica de Gn 1-3, p. 26.



sabático proposto no Sinai, como ensina Ex 20,8-11. É dessa forma que a liturgia cósmica da Criação assume a perspectiva de fazer memória retro-projetiva das obras salvíficas, gerando encontro que louva, reflete e faz ciranda ou seja: desde o início do mundo é prevista a plenitude da vida de Israel na salvação que provém de Deus (cf. Ex 20,2; Dt 5,6.15). Esse anacronismo litúrgico, que retroprojeta a história da salvação até um tempo primordial e, dentro dele, um tempo-não tempo abençoado e santo, indica que o redator-narrador da escola sacerdotal pressupõe que a Criação só é possível dentro do tempo divino, que está fora do tempo, deduzindo, a partir dessa maneira de pensar, que fora do tempo divino só existe desordem e vazio como apresenta Gn 1,2. Disso, aufere-se que: tempo, não tempo e Criação são determinados pela Torá, e que, desse modo, a Criação possui uma finalidade “moral” vinculada à memória litúrgica: cumprir os mandamentos de modo ritual para se alcançar a salvação de Deus que, ao ver o agir do fiel, se lembra dele e o salva.

A finalidade da vida do ser humano, proposta por Deus, manifesta a plenitude de vida da Criação. E, assim, a existência humana só vai atingir seu escopo, quando efetivamente participar do cessar-descansar da *Shabbat*: ícone da Aliança que se manifesta no texto e que chama à interpretação não única, mas múltipla. O ser humano tende para a Aliança como condição da plenitude da vida via texto e interpretação. Dessa sorte, é na relação ser humano-mandamento-Deus = Aliança, que se deslinda o fim de toda a Criação. Assim tanto Gn 1,1-2,4a como Ex 20,8-11, estão “falando”, que o centro para se interpretar a Torá de Moisés a fim de vivenciá-la pessoal e comunitariamente está na palavra da *Shabbat*. Dito de outro modo, do reconhecimento do fundamento ordenador do Cosmo, o ser humano é chamado a assumir um posicionamento diante do mundo de acordo com aquilo que o harmoniza ou estrutura, ou seja: a Palavra de Deus que passa a ser sinônimo de mandamento na Revelação do Sinai/Horeb, cujo centro articulador e catalizador é a instrução/injunção da *Shabbat*, que em Ex 20,11, faz Memória da festa que reflete e celebra a Criação.

Para se chegar a essa conclusão de que o mandamento da *Shabbat* é centro hermêutico para o agir litúrgico e ético.

3.6. SHABBAT E TSIMTSUM

No começo da Criação, Deus põe um limite na sua obra do início e inicia o repouso da *Shabbat*.

A obra criadora se cumpre no “cessar e depois repousar” do Deus que cria.

O cessar e depois o repousar do Criador no sétimo dia apontam o limite que o Criador pôs no seu poder de criar. sua força de Criador. A *Shabbat* “evidencia, santifica e abençoa o mundo como criação” (MOLTMANN, 1992, p. 394). A obra da criação no dia da *Shabbat* faz emergir o tema da auto-limitação de Deus no seu poder de criar. E esse tema encontra na Tradição de Israel muitos comentários. Aqui só vamos citar um conceito bastante presente no Judaísmo: o *Tsimtsum*. Este termo nasce com o cabalista Isaac de Lúria o qual vai refletir a partir dele ao tratar do cessar de Deus na Criação como contração, auto-limitação de sua



Sherriná (Presença), que em vocabulário teológico cristão é conhecido em geral como: *kénose* ou *kénosis*²³ (cf. Fl 2,6-7).

Interessante que, de um lado o Criador coloca um limite em seu poder de criar e por outro lado, quando se trata do sétimo dia, o redator/narrador não diz que “houve uma tarde e uma manhã” (cf. Gn 1,8.13.19.23.31) e que o resultado do ato criador foi visto pelo Criador como algo: “bom e muito” (Gn 1,10.18.25.31). Isso significar dizer que o ser humano: homem e mulher são vocacionados a “cultivar e guardar” o paraíso (cf. Gn 2,15), material de outra tradição que entra em sintonia com o início do capítulo 2,1-4^a, indicando que o ser humano: homem e mulher são, com o Criador, co-criadores e sua ação dever ser ético-moral (boa, muito boa), tanto no que tange ao fazer como ao descanso fecundo da *Shabbat*. Portanto, o Criador aponta dois tipos de ação e convida a agir como Ele age: criando com ética e estética: realizar um linda ação, ou seja: um bem.

3.7. SHABBAT E FUTURO

Partir do começo! A realidade da *Shabbat*, arte de celebrar e de viver, tem suas raízes em Deus, o Criador. O Criador “tirou” o ser humano do nada. Ao fazer isso, Deus tornou o ser humano livre do “não-ser”, para ser à maneira de Dele e na história que caminha para um futuro.

O Criador, no seio da história, imprime no ser humano: homem e mulher uma identidade a partir de dois elementos: a natureza/humanidade e divindade: terra e sopro/espírito: *adamah/r²⁴uarr²⁵*: Ruarr imagem e semelhança a partir de baixo, do solo, do que é *húmus* (cf. Gn 2,7; 1,26-27). E ao criar o ser humano: homem e mulher, o Criador o coloca num “útero de mãe” ou “colo de amada”, ou seja: a *Shabbat* a fim nascer para aprender a amar à medida que cresce e amadurece.

Em Ex 20,8: “Faze-tu memória...” é um convite/mandamento/palavra/música à tomada de consciência de uma memória viva, ativa, dimânica, fecunda, atualizadora, atualizante e atual: memória *midráshica/teológica*²⁶; *Ralárrica/ética*²⁷.

Dessa sorte, o ser humano, na sua *imitatio Dei*, faz memória, que de *per si* é viva e atuante, de sua criação. Ao fazer memória de sua criação e da Criação, o ser humano se coloca diante da Presença de Deus (Sherriná) como ser livre e libertador, que reflete pessoal e comunitariamente, que se movimenta, que faz festa: por isso, não está só tanto horizontal como verticalmente.

²³ Esse tema assaz interessante, que reúne esses termos teológicos da Tradição de Israel e da Tradição Cristã: *Sherriná*, *tsimsum*, *kénosis/e*, será trabalhado em outro artigo devido à sua densidade teológica.

²⁴ Vamos transliterar a 20ª com um: R. Resh.

²⁵ *Adamah* e *ruarr* são duas palavras/elementos femininos, ou seja: transmissores de fecundidade, de possibilidade de multiplicação.

²⁶ No sentido de pensar, buscar a Deus via Torá. *MiDRaSh*: busca amorosa de Deus.

²⁷ No sentido do agir, viver o que Deus ensina, sua vontade via Palavra revelada. *RaLaRRá* (*HaLaKHá*): caminhar seguindo a voz de Deus.



Como ser humano é homem e mulher e como natureza é uma natureza, mas múltiplo em pessoas (dimensão horizontal) e na sua relação com o sagrado é ser humano é uno e plural com a Divindade: Una\Um e três (cf. Dt 6,4; Gn 1,26).

Nesse sentido, vemos emergir a profunda consciência teológica que Israel tem na sua relação de Aliança com o Deus Criador que o elegeu. Eis como se expressa Xavier Léon-Dufour:

Ao longo de sua reflexão, o Povo Judeu compreendeu que os diversos atos de Deus com Israel esmiuçavam no tempo uma aliança fundamental: a aliança da Criação. Também a memória tem sua origem no Deus da aliança no tempo no qual Deus está tralhando desde as origens²⁸ (LÉON-DUFOUR, 2005, p. 103.).

E a dimensão horizontal do ser humano desde a criação é de dupla natureza. Além de se voltar no serviço ao próximo e à próxima voltado com responsabilidade revelacional/teológica/ecológica com a natureza: “E o Senhor Deus tomou o ser humano e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e o guardar” (cf. Gn 2,15).

Destarte, o ser humano não é o núcleo da Criação de *per si* e nem tão pouco expressa a perfeição das obras criadas *ipso facto* pela sua ontologia. É na história, espaço da ação que é recordada e santificada pelo agir humano: no refletir, na festa, na ação caritativa que se inscreve entre o ser humano e Deus, via mandamento da Torá que é cumprido. Desse *motus*, manifestar-se-á o escopo para o qual Deus destina toda a Criação: a *Shabbat*: no coração da qual está o ser humano: homem e mulher em ligação profunda e festiva com o Criador que os “tirou” do nada. A *Shabbat* é o dia para o qual se destina todo o relato da Criação, tornando-se dessa forma o centro irradiador de sentido para toda a narrativa. Ela não vem somente após os seis dias, mas ela os interpreta. E por meio da afirmação da *Shabbat*, como centro do relato, que a narrativa se vincula à concepção de história da salvação, expressa pelo pacto na montanha do Sinai²⁹. A *Shabbat* é uma exigência³⁰, “uma necessidade concreta³¹”: “O sábado veicula a libertação!”³²

É mister frisar que é nesta relação do ser humano, via mandamento, com Deus, que o tempo cronológico se torna história, porque tende a uma finalidade estabelecida, deixando de ser uma mera contagem do passado, para exprimir o sentido deste em função do futuro de Deus. E é nesse futuro que o sentido nuclear do texto se desvela. Esse modo de pensar vem de encontro ao modo como Ouaknin³³ traduziu Ex 20,8, baseando-se em Rashi: *Lembra-te do teu futuro* (OUAKNIN, 1999, p. 88). E também J. Moltmann assim se exprimiu: “A *Shabbat* é, de uma certa maneira, a promessa de uma futuro que se inscreve na criação no começo e que contém em si a espera de sua realização”³⁴.

Nesse sentido, a *Shabbat*, é uma espécie de “tempo kairótico”, que caminha para sua plenitude no oitavo dia: no qual se torna Ressurreição/Redenção/Cumprimento da Torá.

²⁸ X. LÉON-DUFOUR. *Le pain de la vie*. Paris: Seuil, 2005, p. 103.

²⁹ Cf. W. KERN, *A Criação como pressuposição da Aliança no Antigo Testamento*, p. 42.

³⁰ Cf. M. SCHWANTES, *Projetos de Esperança*, p. 28.

³¹ M. SCHWANTES, *Projetos de Esperança*, p. 29.

³² M. SCHWANTES, *Projetos de Esperança*, p. 30.

³³ Cf. nota 50.

³⁴ MOLTSMANN, J. *La venue de Dieu*, p. 319.



Assim podemos verificar como o conceito teológico da Criação e o conceito teológico da *Shabbat* estão intimamente ligados. Culturalmente a *Shabbat* é uma das instituições mais importantes de Israel, pois, delinea a maneira de ser do israelita em sua relação como Deus e o próximo, numa referência direta com a Aliança; uma vez que, no relato da Criação, o agir humano, que imita o agir de Deus, está determinado pelo significado cultural da *Shabbat*³⁵ e que é a única festa proposta no Decálogo a qual, no Levítico, aparece encabeçando todas as festas, sendo, portanto, a festa por excelência (cf. Lv 23,2-3).

CONCLUSÃO

Destarte, a *Shabbat* define a relação do ser humano com Deus, o Criador, que abençoa e santifica. Essa consciência deriva de um conhecimento anterior: Deus como Criador (v. 11), que é o Deus Libertador, que, após libertar, continua seu projeto de salvação, dando a Torá, revelando-se como Legislador (v.1). Nessa ordem, vê-se claramente que a graça precede a lei (v. 2). E que graça e mandamento/instrução são ações divinas em favor do ser humano em caminhada na história rumo a um fim/cumprimento/plenitude.

Dessa sorte, ao propor a *Shabbat* como elemento hermenêutico do texto, o autor-narrador afirma que a Criação só possui sentido na vontade divina expressa na Torá. Assim, o ser humano vai descobrindo no culto: oração, na interpretação da Torá (estudo) e na ação (vivência dos mandamentos) os elementos que ele deve vivenciar para manter a Criação em situação ordenada e justa.

Na *Shabbat*, - dia de cessar e repousar, dia abençoado e santo – é que o ser humano toma consciência de sua responsabilidade de ser criado para cuidar do (a) próximo (a) e do mundo: nossa Casa Comum. E isso até o fim da história, na sua conclusão final, conclusão essa que está vinculada teologicamente à *Shabbat/Dies Domini/*Terceiro Dia. Pois o sétimo dia ou dia da *Shabbat* reenvia teologicamente para além do tempo histórico, ou seja: é um enviar apontado e apontando para o *tempo messiânico*. Toda a Criação tende para a face da *Shabbat* eterna onde o Deus Criador/Libertador/Rabbi/Gracioso será “tudo em todos” (cf. 1Cor 15,28) no Espírito por meio de seu Filho: o Senhor da *Shabbat* (cf. Mc 3,28).

BIBLIOGRAFIA

- ARTUS, O. **Aproximación actual al Pentateuco**. (Coleção: Cuadernos bíblicos, 106). Estella (Navarra): Verbo Divino, 2003.
- BEAUCHAMP, P. **L'un et l'autre Testament**. Paris: Seuil, 1990.
- _____. **Le Dieu du Décalogue**, *Christus* n° 18, 1971.
- _____. **Testament biblique**. Paris, Bayard, 2001.
- CROSS, H. **Exegese teológica de Gn 1-3**. In: FEINER, J.; LOHRER, M. **A história salvífica de Cristo** (org). vol. II/2. Petrópolis: Vozes, 1972.
- DATTLER, F. **Gênesis**. São Paulo: Paulinas, 1984.
- DE LA MAISONNEUVE, D. **L'Hébreu Biblique par les textes**: v. 2. Paris: Desclée, 1991.

³⁵ Cf. O. LORETZ, Criação e mito, p. 77.



- HESCHEL, A. J. **O Schabat: seu significado para o homem moderno**. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- KERN, W. **A Criação como pressuposição da Aliança no Antigo Testamento**. In: FEINER, J.; LOEHRER, M. **A história salvífica antes de Cristo**. Petrópolis: Vozes, 1972, vol. II/2.
- LÉON-DUFOUR, X. **Le pain de la vie**. Paris, Seuil, 2005.
- LOPEZ, F. G. **Le Décalogue**.(Coleção: Cahier Évangile, 81). Paris: Cerf, 1992.
- LORETZ, O. **Criação e mito**. São Paulo: Paulinas, 1979.
- MEYNET, R. **Une nouvelle introduction aux évangiles synoptiques**. Paris: Lethielleux, 2009.
- MOLTMANN, J. **Deus na Criação**. Petrópolis: Vozes, 1992.
- _____. **La venue de Dieu**. Paris: Cerf, 2000.
- OUAKNIN, M-A. **Les Dix Commandements**. Paris: Seuil, 1999.
- PELI, P. H. **The Jewish Sabbath: a Renewed Encounter**. New York: Schochen Books, 1991.
- SCHWANTES, M. **Projetos de Esperança: meditações sobre Gênesis 1-11**. Petrópolis: Vozes, 1989.

Recebido em: 21/09/2016
Aprovado em: 10/09/2017